

O Jornalismo visto em voo de pássaro

PUP0, Benedito Barbosa. O Jornalismo visto em voo de pássaro. Correiio Popular, Campinas, 10 out. 1975.

JFT 8.4.2.70

Fui honrado com o convite de um grupo de estudantes, um grupo de jovens, rapazes e moças, que fazem o Curso de Comunicações, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas para realizar, na noite de 2 do corrente, uma palestra para o primeiro ano. Ainda no curso fundamental, esses jovens, entretanto, estavam interessados em conhecer o jornal, sob todos os seus aspectos, como pude verificar pelo questionário, que elaboraram para que eu fosse respondendo item por item, inclusive de Artes Gráficas, filosofia, política e ética jornalísticas. É claro que na parte dos 50 minutos de que dispus, que seriam destinados normalmente para a aula da professora Zelinda Favero Gervasio, da cadeira de "Fundamentos Científicos da Comunicação", não poderia estender-me em minhas respostas, pois naqueles cinquenta minutos deveriam entrar também uma exibição de diapositivos feitos pelos próprios alunos no "CORREIO POPULAR" e uma explicação sobre o material usado nas oficinas do jornal para a sua confecção.

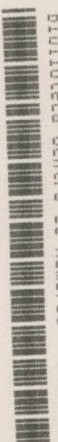
Não obstante contar com fatores negativos como as minhas limitações como conferencista e a escassez de tempo, tentei dar ao meu auditório, naquela noite chovosa, uma visão global do jornal antigo e do jornal moderno, pois o tema genérico da palestra consistia num paralelo entre duas épocas, duas concepções e, sobretudo, dois tipos de organização jornalística: a antiga, muito doutrinária, porque geralmente o jornal era órgão de alguma entidade política ou interessada em divulgação de doutrinas e a moderna, em que o jornal é um negócio, estando hoje entregue a empresas, que não recebem subvenções de partidos políticos ou de outras organizações, mas vendem, principalmente espaço para as mensagens dos industriais e dos comerciantes, interessados em propagar seus produtos ou serviços. Se antigamente, o jornal era feito por literatos ou por jovens que pretendiam fazer literatura, hoje a coisa é diferente, porque, embora precise dominar a Arte de Escrever, o jornalista é mais um técnico, do que propriamente um literato, tomando-se esta palavra no sentido restrito para designar o homem dedicado a escrever obras, onde o Belo deve ter papel relevante. Hoje, ele é o leitor na formação de opinião sobre os problemas da comunidade.

Como estava informado de que os termos precisariam ser bem definidos, pois se tratava de um auditório sem o embasamento específico necessário, pensei em dar no início uma explicação sobre a semântica da palavra "jornal" e das outras a ela vinculadas como "gazeta", "revista" e "magazine", por exemplo. Não me foi possível entrar nesse campo, em detalhes, como devia, porque gastaria os cinquenta minutos, só tratando de conceitos. Entretanto, não me foi possível entrar nesse campo, em detalhes, como devia, porque gastaria os cinquenta minutos, só tratando de conceitos.

Para diferenciar o acontecimento, o fato e nunca tenha sido trazido à sua atenção". Para diferenciar o acontecimento, o fato, da notícia, que não são as mesmas coisas, valei-me de um exemplo, que não tive oportunidade de apresentar na palestra. Um exemplo nosso, de 1873. A convenção de Itu, realizada a 18 de abril daquele ano na tradicional cidade, foi registrada pela "Gazeta de Campinas", em 24 de abril, sob o título "Reunião política em Itu". A depois celebre "Convenção de Itu", que foi a tal reunião tão sobramente registrada em 32 linhas do antigo jornal campineiro, não passou na ocasião de uma simples informação, isso naturalmente porque naquele momento o fato não tinha ainda tido as implicações que teve, tornando-se *histórico*. Para ter-se uma idéia, leia-se este início da nota: "Somos informados por pessoa autorizada que numerosa foi a reunião republicana que ali teve lugar a 18 deste mês". Note-se que o próprio redator-chefe da "Gazeta de Campinas", Francisco Quirino dos Santos participou da reunião e do banquete oferecido aos republicanos de fora de Itu.

Ainda hoje, tal fato seria de pouca importância aos republicanos de fora de Itu. Ainda hoje, tal fato seria de pouca importância aos republicanos de fora de Itu. Ainda hoje, tal fato seria de pouca importância aos republicanos de fora de Itu.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030220

moderna, que exige títulos específicos, dando precisamente a notícia e só servindo para noticiar aquele fato. Sobre a maneira de fazer título, podemos ver os exemplos que nos oferecem os jornais, cujas filosofias são antagônicas. Em minha palestra, fiz um paralelo, aproveitando escritos meus antigos, entre as maneiras de escrever de um literato do passado e de um jornalista moderno. Vali-me do trecho de Camilo Castelo Branco sobre o suplício da Marquesa de Tavora, passando-o para a linguagem jornalística moderna e dando-lhe títulos condizentes com as regras atuais. Um jornal sério poria este título: "Executada a marquesa de Tavora". Um jornal com outra filosofia assim o faria: "Marquesa perde a cabeça na praça".

Fraser Bond, do Departamento de Jornalismo, da Universidade de Nova Iorque, sintetiza os dois conceitos desta maneira: Uma filosofia sustenta, segundo o autor de "Introdução ao Jornalismo, que se "dê ao povo o que ele quer". A outra, que é adotada pela Imprensa séria, honesta, preconiza "dar ao povo a verdade que ele precisa ter". De acordo com esta última filosofia, concluímos com Eric Hodgins, da revista "Time": "Jornalismo é a transmissão da informação, de um ponto a outro, com exatidão, penetração e rapidez, numa forma que sirva à verdade e torne aquilo que é certo evidente aos poucos, quando não imediatamente".

Para muitos estudiosos do Jornalismo, que não consideram esta atividade com a função limitada de informar, quatro são as funções atribuídas à Imprensa e aos outros meios de divulgação, enquadrados no Jornalismo: *informar, interpretar, orientar e entreter*. Para aqueles que pensam que o jornal se faz apenas com notícias e anúncios, estes itens não servem, pois tais jornalistas ficam restritos ao primeiro deles. O jornal informa pelo noticiário (divulgação dos fatos inusitados) e pelas suas seções permanentes de registro de acontecimentos como filmes a serem exibidos, reuniões a serem realizadas, assim como através dos anúncios que publica. Estes trazem sempre informações importantes sobre o que comprar, como comprar e onde comprar, de muita utilidade para o leitor, que já não vive mais na época do artesanato, que lhe permitia comprar junto à sua casa, nas vizinhanças ou no centro da cidade, em pontos já de seu conhecimento, tudo aquilo de que necessitava para satisfação de suas necessidades, produtos ou serviços.

O assunto é vastíssimo, não podendo, de forma alguma, ser contido num artigo como este e nem numa palestra de vamos dizer 35 minutos, já que o restante era destinado à visualização do equipamento de um jornal da atualidade, como fizeram os estudantes com os diapositivos focalizando aspectos do "CORREIO POPULAR", cuja direção permitiu que a levasse até telha pronta para impressão, matrizes (flâ), linhas de texto compostas em linotipos e em máquinas de fazer títulos.